

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas

AUTEUR

Maria Fernanda Bicalho (Universidade Federal Fluminense)

TITRE

Communautés diasporiques africaines à Rio de Janeiro du XVII^e et XVIII^e siècle

RESUME

« *Une vraie fourmilière de Noirs* ». C'est ainsi qu'un officier français, comme le note Sílvia H. Lara, a décrit la ville de Rio de Janeiro en 1748. Près de trente ans plus tard, en avril 1796, le Comte de Resende, vice-roi du Brésil, informait la reine, D. Maria I, que « *la majeure partie des habitants les plus opulents de cette ville ont l'habitude de conserver chez eux un grand nombre d'esclaves des deux sexes* ». Après les dénonciations du Comte de Resende, en 1808, la ville de Rio de Janeiro a subi de grosses transformations, à la suite de l'installation de la famille royale portugaise, migrée au Brésil, en raison des invasions napoléoniennes au Portugal. En termes démographiques, l'impact de l'installation de la Cour portugaise dans la ville a été important. Entre 1808 et 1821, la population passa de presque 60.000 habitants à plus de 79.000. La transformation de Rio de Janeiro en capitale de la monarchie et de l'empire d'outre-mer portugais a également été accompagnée d'une intensification de la traite négrière provenant de différentes régions africaines. Manolo Florentino démontre que, dans le court espace de trois ans, l'entrée d'africains par le port de Rio de Janeiro a doublé. Si, en 1808, 9.602 esclaves ont débarqué dans la ville, en 1810 le nombre de captifs s'est élevé à 18.667. Les esclaves *de ganho* étaient prédominants dans l'espace public avec leurs plateaux, offrant toute sorte d'en-cas, de bimbéloteries et de services à la population, faisant ressentir leur présence écrasante dans les rues et les places de la ville. L'anglais John Luccock les décrit ainsi : « *Avant dix heures du matin, quand le soleil commençait à monter et les ombres des maisons se réduisaient, les hommes blancs se faisaient rare dans les rues et on voyait alors les esclaves fainéanter à volonté, ou assis sur le seuil des portes (...). Tous noirs, autant les hommes que les femmes, et un étranger à qui il arriverait de traverser la ville au milieu de la journée pourrait presque se croire transporté au cœur de l'Afrique* ». Un peu plus tard, dans les années 1830, le français Ferdinand Denis ne manquerait pas de noter : « *Une des choses qui frappe toujours l'admiration de l'étranger, lorsqu'il dans la rue conduisant à la douane que l'on désigne sous le nom de Rua da Alfândega et où s'opèrent presque tous les transports de la ville, c'est cette réunion e Noirs, appartenant à tant de races africaines, (...) tout cela forme un tableau auquel on devient bientôt indifférent sans doute, mais qui étonne au premier aspect, comme la révélation d'un monde inconnu* »¹. Cependant, dernièrement l'historiographie brésilienne actuelle soulève le voile sur ce « *monde inconnu* » des esclaves africains à Rio de Janeiro, en analysant ses formes de convivialité et de sociabilité, ses stratégies de survie, ses alliances et ses conflits – études qui seront l'objet privilégié de discussion et d'analyse dans cette communication.

¹ Denis, Jean Ferdinand, Brésil, Paris, Didot Frères, 1834, p.113

AUTOR

Maria Fernanda Bicalho (Universidade Federal Fluminense)

TITULO

Comunidades diaspóricas africanas no Rio de Janeiro setecentista e oitocentista

RESUMO

"*Um verdadeiro formigueiro de negros*". Assim um oficial francês, como aponta Sílvia H. Lara, descreveu a cidade do Rio de Janeiro em 1748. Cerca de trinta anos depois, em abril de 1796, o Conde de Resende, vice-rei do Brasil, informava à rainha, D. Maria I, que "*a maior parte dos habitantes mais opulentos desta cidade costuma conservar em suas casas um grande número de escravos de ambos os sexos*". Após as denúncias do Conde de Resende, em 1808, a cidade do Rio de Janeiro passou por grandes transformações, em decorrência do estabelecimento da família real portuguesa, migrada para o Brasil, em função das invasões napoleônicas a Portugal. Em termos demográficos, o impacto da instalação da Corte portuguesa na cidade foi grande. Entre 1808 e 1821, a população cresceu de cerca de 60 mil habitantes para mais de 79 mil. A transformação do Rio de Janeiro em capital da monarquia e do império ultramarino português foi igualmente acompanhada pelo incremento do tráfico negreiro proveniente de diferentes regiões africanas. Manolo Florentino demonstra que no curto espaço de três anos duplicou a entrada de africanos no porto do Rio de Janeiro. Se, em 1808 desembarcaram na cidade 9.602 escravos, em 1810 o número de cativos cresceu para 18.677. Os escravos de ganho predominavam no espaço público com seus tabuleiros, oferecendo toda sorte de quitutes, frutas, quinquilharias e serviços à população, fazendo sentir sua avassaladora presença nas ruas e praças da cidade. O inglês John Luccock assim os descreve: "*Antes da dez da manhã, quando o sol começava a subir alto e as sombras das casas se encurtavam, os homens brancos se faziam raros pelas ruas e viam-se então os escravos madraceando à vontade, ou sentados á soleira das portas (...). Todos eles pretos, tanto homens como mulheres, e um estrangeiro que acontecesse de atravessar a cidade pelo meio do dia quase que poderia supor-se transplantado para o coração da África*". Tempos mais tarde, na década de 1830, o francês Fernand Denis não deixaria de registrar: "*Uma das cousas, que sempre excita a admiração do estrangeiro, que chega à rua que conduz à Alfândega, na qual se efetuam quase todos os transportes da cidade, é o ajuntamento de negros, de tantas raças africanas, (...) tudo isso forma um quadro a que em breve se torna indiferente, mas que à primeira vista admira como revelação de um mundo desconhecido*". Porém, esse "*mundo desconhecido*" dos escravos africanos na cidade do Rio de Janeiro vem sendo desvendado pela historiografia brasileira atual, que analisa suas formas de convivência e de sociabilidade, suas estratégias de sobrevivência, suas alianças e seus conflitos – estudos que serão objeto privilegiado de discussão e análise nesta comunicação.

Patrimonialiser la mémoire diasporique

Axe 1 – Produire en situation de diaspora et produire sur les diasporas